

PEDAGOGIA DO ‘SOCIAL’ NO ENCONTRO DE APRENDIZAGENS NÃO FORMAIS, EM CONTEXTO COMUNITÁRIO DE ‘BAIXA DENSIDADE’

Ernesto Candeias Martins

[Escola Superior de Educação (UTC – Ciências Sociais e da Educação) do Instituto Politécnico de Castelo Branco; email: ernesto@ipcb.pt]

Resumo

O estudo valoriza a triplice relação entre ‘social-educativo-cultural’, no contexto comunitário, que conflui numa pedagogia do encontro e da convivência, na pretensão duma comunidade de todos e para todas as gerações. A argumentação, de teor hermenêutica, trata das seguintes questões: pedagogia ‘do’ e ‘para’ o encontro, inserida no âmbito das ciências da educação; o ‘encontro’ relacional e comunicacional, no campo da pedagogia da convivência comunitária e da pedagogia social/educação social. As novas práticas socioeducativas, com enfoque na construção social do sujeito crítico e criativo, proporcionam interações sistémicas e de intensa dinâmica entre o ‘sujeito-comunidade-conhecimento-convivência’, na apreensão e desenvolvimento de saberes, habilidades, perceções, emoções, troca de experiências e relações, no âmbito da cidade educadora.

Seção: Pedagogia Social e Desenvolvimento Comunitário (Paper 106)

Questões prévias

Um dos retos do século é o de educar ‘na’ e ‘para’ comunidade, de modo a alcançar uma educação e convivência intergeracional, intercultural e comunicacional. Este desafio intercepta aprendizagens formais, não formais e informais. Nas últimas décadas houve uma atomização de pedagogias (multicultural, ambiental, cultural, patrimonial, artística, etc.), algumas delas integrando projetos educativos, programas e ações diversas. Forjou-se uma miscelânea educativa constituída por áreas científicas fundamentais ao desenvolvimento do indivíduo. Para além da pedagogia escolar e familiar há outras pedagogias que incidem na aprendizagem do ser humano gerando o encontro, a convivência e o diálogo intergeracional.

Reconhecemos a necessidade de desenvolver novas práticas socioeducativas, com enfoque numa construção social do sujeito crítico e criativo, que proporcione uma interação e uma dinâmica entre o ‘sujeito-meio ambiente-conhecimento-convivência’ (*rede de baixa densidade* quotidiana), na apreensão e desenvolvimento de saberes, perceções, habilidades, troca de experiências, vivências e relações. A esta rede de pedagogias materializadas no ‘encontro comunitário’ (rede sistémica social), designamo-las por ‘*pedagogias de baixa densidade*’, que surgem de forma imprevista, espontânea, interativa e de transferibilidade, gerando o aprender a aprender (aprender a ser e querer, aprender a estar e a conviver), no contexto da educação ao longo da vida (Bruner, 1997).

São propósitos norteadores da nossa argumentação as seguintes questões:

*-A pedagogia ‘do’ e ‘para’ o encontro, insere-se no âmbito das ciências sociais e humanas e, especificamente nas ciências da educação (pedagogia social/educação social), onde o triplico ‘educação-cultura-comunidade’ constitui fundamentos socioeducativos e relacionais do ser humano com os outros. Aquela pedagogia integra o marco das ‘pedagogias de baixa densidade’ na comunidade (rede social e tecnológica de ação no seu quotidiano e de relações inter e intra pessoais), onde se entrelaça com a pedagogia para a convivência, pedagogia ambiental e ecológica, pedagogia inter e multicultural, pedagogia urbana, pedagogia patrimonial e artística, pedagogia para o turismo, animação sociocultural, etc. O campo de intervenção (fazer) e do saber educativo destas pedagogias em rede (sistémica) convergem para uma educação axiológica e de cidadania, de convivência democrática e geracional, que comunitariamente através de aprendizagens interativas gera os princípios básicos da cidade educadora, da intergeracionalidade e interculturalidade.

*-Admitimos o ‘encontro’ relacional e comunicacional na comunidade, no campo da pedagogia da convivência (diálogo, relações pessoais e sociais), integrando áreas de intervenção da pedagogia social, que tem na educação social e/ou trabalho social a sua vertente prática orientada à socialização e promoção dos indivíduos. Ou seja, quer a educação social (especializada), a animação sociocultural e sociocomunitária, a educação multicultural, a educação intergeracional e educação cívica e para a cidadania articulam-se com os propósitos de educar para o ‘encontro vivencial’, em contextos geracionais e multiculturais.

Na base duma metodologia de análise hermenêutica teremos por objetivos a relação ‘social-educativo-cultural’ na comunidade, na educação para a cidadania (cidade educadora, sociedade de aprendizagens, sociedade para todas as idades) e formações de aprendizagens não formais. O cruze educativo de pedagogias, adquirido em contextos diversificados e comunitários e proveniente do encontro (conhecimentos, relações, experiências, convivências, perceções, etc.), integra-se na área da pedagogia social/educação social para bem-estar social, desenvolvimento humano e de valores, qualidade de vida, sociabilidade, etc. Abordaremos três pontos fulcrais: relação pedagogia social – pedagogia do encontro, na perspetiva social/educativa; pedagogia do encontro, como convivência, integrada nas ‘pedagogias de baixa densidade’ (sistema em rede comunitária); os desafios da pedagogia do encontro no desenvolvimento da comunidade e no diálogo intergeracional e multicultural.

1.- A pedagogia social e o campo prático da educação social

Os tempos estão em permanente mudança. Esta sensação de mudança na estrutura social e nos aspetos conjunturais é vertiginosa e complexa (Bauman, 2003). Cremos que a educação terá que enfrentar problemas quotidianos e comunitários prioritários no ser humano, criando-lhe consciência crítica e uma educação integral que fortaleça o respeito pelas culturas e valores. Neste sentido a incorporação do pensamento complexo à educação (comunitária) facilita o surgimento de uma política complexa, que desenvolve essa complexidade numa dupla perspectiva: pensar global – atuar local; pensar local – atuar global (Morin, 2003: 130). O contributo daquela complexidade implicará nos educandos um pensamento que lhes permita enfrentar os problemas e as necessidades que sofrem, o que exige uma dimensão de ciência holística e sistémica, já que esses problemas sociais e existenciais implicam incertezas e imprevisibilidades, interdependências, com descontinuidades não lineares, desequilíbrios, comportamentos caóticos e bifurcações (Morin, 2003: 136).

Neste sentido a pedagogia tem a função de promover aprendizagens (formais e não formais), a partir dos processos de convivência relacional, em diálogo e liberdade entre todos os aprendizes e aprendentes, numa concretização realizada pelo encontro, o qual permitirá dar respostas às necessidades e aos problemas quotidianos e comunitários (Bauman, 2003).

A compreensão teórico-prática da pedagogia, que é a ciência que se ocupa da educação, do ensino e das aprendizagens, constituindo o eixo de todos os processos e intervenções educativas, inclui nos seus correlatos o social (pedagogia social). Nesta amplitude o marco concetual que abrange é complexo e resulta difícil defini-la sem recorrer a outras ciências que com ela participam no âmbito educativo, cultural e social. A pedagogia social (PS) constitui uma ciência pedagógica e social, sendo uma construção histórica dentro do estatuto científico da pedagogia. Se damos mais protagonismo à educação na vida quotidiana, garantimos uma cidadania mais ativa e participativa, recorrendo ao papel e identidade da PS, como ciência das humanidades e do social. A influência da educação social na sociedade implica a adaptação, socialização e sociabilidade, aquisição de competências sociais e emocionais, uma didática social quotidiana, ações de qualificação pessoal e profissional, formação do cidadão, de prevenção e controlo social, de trabalho social (educativo, cultural), aprendizagens não formais, geradora de exigências, etc. (Petrus, 1997).

1.1.-As aprendizagens não formais na área da pedagogia social

Clarifiquemos a designação de PS e a sua relação com a educação e a cultura. O social unido à pedagogia refere-se ao espaço vivo, dinâmico e em contínua evolução, permeável e relacionado com a cultura e a educação do ser humano. Por isso, a PS distingue-se da

pedagogia formal e familiar, com espaços concretos de desenvolvimento de ações (aprendizagem), relações e convivências, constituindo-se o chamado ‘terceiro espaço’. As tentativas de concetualização da PS são muitas, mas todas a designam como ciência da educação social, ou seja, uma ciência pedagógica, cujo objeto de estudo é a educação social, concretizando-se em âmbitos, áreas ou processos de intervenção onde projeta os saberes e competências teórico-práticos. Ao tratar-se de processos educativos contempla três atributos: socialização/sociabilidade; os destinatários são indivíduos/coletivos com características específicas, em situação conflito ou dificuldades sociais; realização em contextos não formais.

A PS tem um percurso histórico, que se remonta a iniciativas alemãs ao nível dos municípios, de colónias de férias e de campo ou marítimas, de intervenções de socialização, de reabilitação ou reeducação de indivíduos ou coletivos, de intervenção comunitária, etc. Historicamente são importantes as ações realizadas por Pestalozzi, Fröebel, A. Diesterweg, R. Eucken, Natorp, etc. que converteram o educativo num aspeto social ou de socialização, cuja educação constituía a força de configuração do social e das mudanças sociais e, daí a inserção da PS ou na pedagogia (pedagogia especial) ou sociologia (sociologia social) ou como ciência auxiliar da pedagogia, sendo o ‘tronco formativo’ do profissional com enfoque pedagógico.

Por conseguinte, a PS é uma ciência no âmbito das ciências da educação e/ou sociais e humanas, com uma dimensão prática, social, cultural e educativa, no âmbito da educação ou das aprendizagens não-formais, que compreende, em geral, tarefas e intervenções/ações que implicam, entre outras, a socialização dos sujeitos ou coletivos, a satisfação de necessidades fundamentais, a compensação em competências e valores, a prevenção e recuperação no campo das deficiências, desvios ou dificuldades de socialização, de ócio/lazer (animação), etc.

A PS surge no espaço impreciso das ciências da educação contribuindo para a legitimidade da pedagogia. Hoje valorizamos a educação em todas as suas dimensões do indivíduo e grupos, no sentido que a propunha Faria de Vasconcelos (educação integral), daí que o aprender não tem fronteiras entre a formalidade e não formalidade do aprender. Os saberes oriundos das intervenções dependem das interfaces das relações entre outros saberes e experiências e a PS permite a construção de novos modelos de inteligibilidades e esquemas de ação. Entre os diversos campos ou especialidades PS ao nível comunitário destacamos: atenção à infância, juventude, adultos e idosos; atenção à família; atenção aos deficientes ou pessoas com dificuldades/incapacidades diversas (físico-motoras, cognitivas, sociais, culturais); atenção a grupos de marginados ou de risco (integração); no desenvolvimento da educação intergeracional; na promoção da mulher; na prevenção da delinquência e situações de inadaptação social e educativa; na dinamização da animação sociocultural; etc. Ou seja, há

nesta panóplia concepções empírico-descritiva, espaços de ação ou intervenção social e educativa, de intervenção cultural, patrimonial e geracional (Petrus, 1997).

Atualmente a PS orienta-se cada vez mais à educabilidade humana dirigida a pessoas que se encontram em dificuldades e situações socioeducativas desfavoráveis. Daí que o trabalho ou intervenção dos profissionais (educadores sociais, assistentes sociais, animadores, trabalhadores sociais, gerontólogos, etc.) emerge como necessidade da sociedade, já que é ela própria que origina essas situações deficitárias e outras manifestações humanas (sofrimento, marginalização, pobreza, delinquência, abandono, carências de participação social, isolamento, etc.). De facto a PS materializa-se na prática na educação social/trabalho social, através de intervenções educativas, culturais e de animação, intencionais e não formais, organizadas por instituições e/ou em meio aberto ou território comunitário.

1.2.-Situemos a educação social no diálogo multicultural

A multiculturalidade, a educação ambiental, patrimonial e artística e todas as aprendizagens não formais, no contexto comunitário, constituem áreas que favorecem o desenvolvimento pessoal, social e profissional do indivíduo e, simultaneamente a convivência e o diálogo. É sabido que a educação é um fenómeno social, complexo e diversificado, que se enquadra na formação do cidadão numa democracia ativa e participativa: é necessário educar a comunidade e as pessoas para a convivência intergeracional, este é um dos desafios deste século, perante o efeito demográfico atual. Nesta dimensão de cidadania ativa e no sentido do aprender ao longo da vida, no contexto da cidade educadora – ‘sociedade de aprendizagens’, o indivíduo aprende e participa, interagindo com diversas aprendizagens, pois ele constrói os saberes e se constitui num recetor de culturas. Deste modo, a educação é uma ferramenta de apreender a realidade(s), desde um pensamento complexo e global e em função de que o todo sempre é maior que a soma das partes. Neste sentido a religação do ser humano com o meio que o envolve, faz que a cultura, o património e a convivência, sejam a génese desse encontro.

Reconhecemos a necessidade e o desafio dos sistemas (educativos) em desenvolver novas práticas socioeducativas com enfoque numa construção social do sujeito crítico e criativo, proporcionando uma interação sistémica e de intensa dinâmica entre ‘sujeito-meio ambiente-saberes-convivência’, numa rede de baixa densidade’ de apreensão e desenvolvimento de saberes, diálogos, perceções, troca de experiências, vivências e convivências. Assim, esta rede que surge de forma imprevista, espontânea, interativa e de transferibilidade gera o ‘aprender a aprender’, no contexto da educação ao longo da vida.

Este modo de práticas diferenciadas e propósitos educativos/pedagógicos são orientadores para o desenvolvimento local e humano, empreendedorismo e participação comunitária e convivencial de valores, experiências e saberes e que na sua globalidade contribui para as mudanças culturais, sociais e morais, numa sociedade líquida (Bauman, 2003). O sentido hermenêutico que concebemos à existência duma pedagogia do encontro (comunitário, social, cultural, educativo/pedagógico), une-se à ideia de atividade quotidiana. Esta abrangência de aprendizagens, ao nível sistémico, permite-nos incluí-la nas pedagogias de baixa densidade, que é uma nova forma de analisar o fenómeno da intergeracionalidade e multiculturalidade (García & Molina, 2005), já que mobiliza indivíduos e grupos, promovendo neles relações e convivências comunitárias, o que implica situações práticas, favoráveis ao aprender e ao partilhar saberes/experiências, proporcionando a participação, na qual os indivíduos se envolvem e se relacionam, numa cidadania impactante na vida.

Nos novos contextos intergeracionais e multiculturais a comunidade tem a capacidade de ser agente educativo e cultural, promovendo saberes e ações, aprendendo em liberdade e de forma criativa. Há, pois uma relação entre a comunidade, a educação e a cultura no aperfeiçoamento das finalidades e objetivos humanos e sociais, numa tríplice relação:

-‘*Educação-comunidade-cultura*’. São elementos correlativos que mantêm uma lógica de interação mutua, pois a educação e a cultura estão imersas na vida humana (sentido de Heidegger, Wittgenstein, Gadamer, H. Arendt, J. Derrida, Levinas, Vattimo, R. Rorty), através do diálogo com o outro, no conhecimento do meio e de se reconhecer nele.

*-‘*Socialização-culturalização-aprender a aprender*’. São processos e formas, funções culturais, educativas e sociais de interpelação, tendo como referência o modelo situacional e ecológico de Bronfenbrenn e a psicologia ambiental.

*-‘*Contexto-meio envolvente-conteúdo*’. São elementos orientados ao aprender, em que a comunicação e os seus veículos constituem os seus pilares fundamentais (Enguita, 2001; Jares, 2006): no desenvolvimento pessoal; nas formas de expressão (expressividade, criatividade); na dimensão coletiva relacionada com as relações humanas, manifestações, encontros, expressões, festividades, jogos, etc.; no conhecimento comunitário (cartografia histórica, geográfica, cultural, patrimonial, urbanística, ocupações e instituições, etc.). Esta forma sistémica (rede baixa densidade) implica ações de otimização, processos de consciencialização de ser e agir comunitário no ser humano.

2.-Pedagogia: diálogo permanente em convivência

O principal recurso do ser humano na promoção da pedagogia é a linguagem comunicacional, ao multiplicar as intercomunicações, fomentar as relações nos indivíduos e as complexidades de relação social (Maturana, 1996: 29). Pela linguagem e diálogo promovemos o ‘encontro vivencial’: encontro conosco, com o outro (s) e com a realidade envolvente. Nós próprios configuramos com plasticidade a convivência, desde a linguagem, o mundo em que nos inserimos na nossa cultura (identidade) (Molina, 2003). Neste sentido a pedagogia constitui numa prática para a liberdade do ser humano numa cultura, encontro e convivência de culturas (pluralismo cultural), já que toda a atividade da nossa mente e pensamento se desenvolve, com o uso da linguagem, a inteligência, o raciocínio lógico, a consciência de ser e estar no mundo, promove o sentido emocional e constitui uma aptidão para a criatividade, entendimento e inovação. Quanto mais desenvolvemos o pensamento, a partir da convivência com os outros, mais questionamos as coisas e mais problemas resolvemos. É verdade que o pensamento é limitado e intimidado por verdades (pré) estabelecidas ou normatizações e impedimentos (Morin, 2003: 114). Ao atomizar os fenómenos sociais e perpetuá-los pela linguagem, gera-se uma cultura homogenizadora, que impede a liberdade, os direitos e os valores da convivência.

Perante isto, a pedagogia vincula-se com a humanização do ser humano, relacionando o espírito com a mente, propondo várias estratégias para desenvolver aprendizagens (teoria das inteligências múltiplas). Sabemos que a pedagogia visualiza-se desde a vida e, por isso a consideramos promotora de aprendizagens formais e não formais ou informais, constituindo o eixo de construção dos valores, desde a convivialidade (termo acunhado por I. Illich) ou convivência (Maturana, 1999: 15-17). Esta é o fundamento de toda a socialização humana, porque abre espaços para o ‘outro’, tal como ele é e desde aí (contexto situacional ou espaço) disfruta da sua interação, companhia, relações, na criação ou ampliação da sua rede social, num mundo comum que é a sociedade. A pedagogia e as suas vertentes específicas como a pedagogia social favorecem a construção do diálogo de saberes sobre os indivíduos e a comunidade, constituindo-se num catalisador de processos de consciencialização e interação. Assim, a pedagogia é o eixo na construção axiológica, tendo no encontro vivencial o fundamento da sociabilidade e alteridade, abrindo pela convivência, espaço para o outro (s).

A educação do futuro deve ser um ensino fundamental e integral centralizado na condição humana de convivência, reconhecendo a diversidade cultural e as diferenças. Os novos caminhos da pedagogia, na formação humana, incidem no aprender em aprender, em convivência, entrelaçando os processos cognitivos e afetivo-emocionais para que a aprendizagem seja um ato natural de vida. Esta transformação do indivíduo na e para

comunidade exige abertura para as mudanças, sendo que o ser humano, como ser social e imerso numa cultura, se caracteriza como uma organização particular, que ao enfrentar várias redes (fechadas) de conversações sofre diferentes configurações (fechadas) e modos de falar, se relaciona, entende e emociona-se. É que esse ato perceptivo de conhecer implica a vida e, portanto, o ser humano constrói o conhecimento em convivência (encontro de interações com os outros), num *'acoplamento estrutural'* (Maturana, 1996: 119), ou seja, conviver em cooperação, respeito e aceitação do 'outro', pois esta é a linguagem onde se constrói a cultura.

3.- Proposta: pedagogia 'do' e 'para' o encontro

Quando falamos de pedagogia do/para encontro baseamo-nos no paradigma conversacional, que contribui a promover as capacidades de entendimento humano (J. Loke) e nos 'outros', a compreensão do mundo e da realidade (s) onde está inserido, na organização de convívios e encontros, onde se expressam razões, juízos de valor, emoções, percepções, valores e ideias que se submetem à crítica dos outros e da comunidade. Esta funcionalidade pragmática apresenta o seu objetivo na experiência humana (J. Dewey), regulada à volta de fatores intervenientes no processo comunicativo, convivencial e relacional, num contexto situacional ou espacial determinado. Daí que as instituições, os espaços e a comunidade em geral têm uma função (social) própria no educar e convivência do ser humano, seja ao nível de programas, projetos, ações ou atividades, transmissoras de valores, crenças, conhecimentos para o desenvolvimento (pessoal, escolar, social, profissional), na criação de condições de novos saberes e experiências, e para o progresso e bem-estar da sociedade.

Parece que há uma grande necessidade de valorizar e construir uma pedagogia da convivência na para a comunidade, ao nível cultural e intergeracional (programas) em que os problemas socioeducativos que a ela estão associadas (afetos, fatores, valores), convertem a comunidade (local) mais vivencial, multicultural, intergeracional e de aprendizagens contínuas (cidades educadoras) (Molina & Marí Ytarte, 2002). Nesta vertente pedagógica orientada à convivência e ao social incluímos os objetivos da pedagogia social. Torna-se, pois necessário uma pedagogia do encontro com os outros, a comunidade e a convivência para aprender e partilhar experiências e vivências. Haverá que forjar essa vontade, a autoestima, a liberdade criativa, a escuta ativa, as relações inter e intrapessoais, a participação ativa em prole da melhoria e qualidade de vida. Ou seja, necessitamos de uma pedagogia do encontro dialogada e convivencial e o turismo e a cultura são campos propícios que os indivíduos possam que promova uma educação para a cidadania e solidariedade intergeracional.

Neste sentido a pedagogia ‘do/para’ o encontro relaciona-se na perspectiva dos modelos inter estruturante, de transferibilidade ou sistémica com o sujeito, a convivência, o conhecimento e relações. O ser humano encontra-se com a natureza físico-geográfica, meio envolvente, cultura, educação, artes, património, etc. desenvolvendo-se e promovendo-se como pessoa – a emancipação (P. Freire) e, ainda como cidadão nas transformações e participações ativas que realiza. Neste sentido aquela pedagogia situa-se na prática entre o ‘Saber’, ‘Sentir’ e o ‘Fazer’/’Atuar’ – convivência.

Varela, F. (2002) y Maturana, H. (1999) consideram que a organização mínima da vida humana, que nós designamos por filosofia de baixa densidade’, pelo vínculo às filosofias do espírito, apresenta um aspeto celular que, no dizer daqueles sociólogos, é uma unidade ‘*auto-poiético*’ organizada numa rede de processos de produção de componentes, de tal forma que esses componentes se geram continuamente e integram a rede de transformações que as produziu e constituem um sistema, que é uma unidade distinta no domínio da existência. Há quem considere, por exemplo Margulys & Sagan (2005), que as sociedades são sistemas auto-poiéticos, com a intenção de que as percebamos e as compreendamos como unidade mínima de vida e daí que a aprendizagem pela convivência provoque no indivíduo formas de aprender, mudanças ou decisões úteis à sua vida. Ou seja, na nossa perspectiva são redes de baixa densidade, cuja propriedade emergente está inerente à organização da vida.

De facto, a vida visualiza-se como um devenir ininterrupto de apreensões e sucessões de acontecimentos e vivências, numa lógica de autorreferências, de aprendizagens, de flexibilidades, que nos fazem comportar com tolerância, pluralismo e respeito pelos valores, em que a vida nos transforma, pelo encontro e convivência (sistema auto-poiético) num sistema em contínuo devenir em si mesmo, com unidades de organização particulares (Varela, 2002). A identidade da vida humana é gerada por aquele processo sistémico ou em rede, que nos permite crescer como seres humanos e interagir em todas as formas com o meio e a sociedade, refletindo sobre o que fazemos (Maturana, 1999: 92-94).

3.1.-Fundamentos pedagógicos do encontro e da convivência

Na nossa perspectiva há áreas ou temáticas de aprendizagens não formais que configuram uma pedagogia para a comunidade, que implicam os seguintes tipos de educação:

➤ *-Educação intercultural/multicultural* incluindo os valores para a solidariedade e de formação duma cidadania participativa (democracia ativa) e de compreensão. É neste sentido que devemos educar para o diálogo, como uma estratégia, no âmbito das políticas sociais e culturais, na resolução de problemas políticos, económicos e sociais. Neste interculturalismo

européu e mundial o turismo tem uma grande importância como estratégia para a compreensão e aceitação das culturas e dos povos.

- *-Educação ambiental e ecológica.* Sabemos que o progresso causa impactos diretos e indiretos no ambiente físico-natural e natural-social, ao nível da paisagem, urbanização, transportes, serviços, tratamentos de resíduos, poluição, destruição de zonas de proteção costeira/marítima, florestal e da fauna, cinegéticas, etc. Estas questões ambientais e ecológicas devem integrar-se numa pedagogia comunitária, favorecedora duma consciencialização crítica para a preservação, sustentabilidade, valorização socioeconómica, cultural e patrimonial.
- *-Educação para os tempos livres/ócio e lazer.* É um dos aspetos mais relacionados com a pedagogia ‘para’ e ‘na’ comunidade, uma vez que estamos numa sociedade para todas as idades e gerações, em que o lazer/ócio e os tempos livres são cada vez mais comuns.
- *-Educação cultural e patrimonial.* A pedagogia do encontro integra uma relação socioeducativa íntima com a cultura, património, história comunitária (tradições), turismo, gastronomia, o modo de vida quotidiano das pessoas e das comunidades (etnografia humana), a etnologia, etc. O encontro gera convivências ao nível comunitário, que produzem um ‘transfere’ ao nível dos saberes, experiências, estabelece relações e afetos.
- *-Educação social, cívica e ético-moral.* Pretende-se que as pessoas adquiram uma consciencialização ético-moral no agir, perante os diversos problemas que as afetam. Trata-se duma relação com os valores, resultantes do encontro humano, com a economia, urbanismo, património, contato cultural e linguístico, etc. Todos estes aspetos exigem uma formação social, cívica e moral de modo a consciencializar as pessoas, de forma crítica e interventiva.
- *-Educação para a convivência.* A convivência é fundamental para o ser humano, através da comunicação e do diálogo (Jares, 2006). Por exemplo a educação urbana ajuda o cidadão a adequar os seus comportamentos aos espaços de convivência da cidade (educadora) e daí a existência de programas e projetos para a convivência cidadã, aprendizagens situadas e com regras, comportamentos responsáveis e tolerantes, etc. A convivencialidade inicia-se com uma visão de ciência não fragmentada, unindo-se ao pensamento e à natureza, com ideias e princípios comuns (Maturana, 1999: 212-215). Ou seja, a convivencialidade une-se ao pensar e ao sentir humano, na complexidade das relações e interações com o meio.

Deste modo, a intencionalidade do pensamento complexo relaciona-se com a convivencialidade e pedagogia. Por isso o encontro e a convivência entre culturas, pessoas e comunidades deve ser entendida dialeticamente através do diálogo, coincidindo nessa perceção global com as teorias da relatividade e teoria quântica na forma de olhar/observar e compreender o universo num todo. Todas estas áreas e outras não mencionadas, integram

aprendizagens não formais desenvolvidas numa pedagogia ‘na’ e ‘para’ a comunidade, na perspectiva de baixa densidade, que são essenciais ao aprender e à formação dos técnicos e profissionais ligados à intervenção, onde a interculturalidade, a convivencialidade e o encontro são os fins a alcançar. Por isso, deve-se privilegiar na formação desses profissionais, áreas e saberes interdisciplinares, na aquisição das suas competências:

*-Formação especializada (saberes teórico-práticos ao nível da educação formal e não formal nas instituições de formação). Destacamos os aspetos da planificação, programação, estudo das necessidades (diagnóstico em modelo de flexibilidade), domínio de estratégias e metodologias de intervenção, procedimentos na elaboração de projetos/programas, gestão de recursos, mecanismos de avaliação da satisfação e qualidade das ações, constituição de redes, formação especializada em determinadas áreas, etc.

*-Áreas e conteúdos socioeducativos e culturais. Na aplicação prática há algumas áreas científicas e conteúdos que são determinantes, por exemplo, a educação para o ócio/lazer e tempos livres, animação sociocultural e socioeducativa, educação ambiental e patrimonial e de museus, educação social, educação inter e multicultural, gestão cultural e turística, empreendedorismo rural, etc.

3.2.-A pedagogia do encontro nas ‘filosofias de baixa densidade’

A pedagogia de ‘baixa densidade’ (inserida nas teorias personalistas e existenciais) constitui redes (sociais, tecnológicas, conhecimento), caracterizadas pela improvisação, espontaneidade, imprevisto e pouco estruturadas e, ainda de ação e inovação ao implicar o agir/atuar humano na comunidade ou sociedade, impregnadas por uma saga de pedagogias, que se intercetam, ao promover: uma dimensão axiológica (desenvolvimento da razão e consciência moral e cívica) nesse agir e relações pessoais; uma dimensão cultural e educativa; uma dimensão estética (razão sensível) e ético-moral (atitudes). Ela apresenta uma intensidade/densidade situacional e relacional, produto da convivência e da interação, orientada à compreensão, comunicação e participação dos indivíduos, que a configura numa plasticidade, que provoca impactos no espaço e território comunitário.

Ora bem, ao incluirmos nessa filosofia ou pedagogia do encontro de baixa densidade (rede convivencial) as situações e processos, ações e relações que implicam lógicas de aproximação e percepção afetivo-emocional, de empatia relacional e comunicacional numa emersão de convivencialidade que produz satisfação, prazer, desfrute, emoções e conhecimentos. Neste sentido o turismo tem um papel educativo e social de configuração das pessoas, através do encontro humano e comunitário (rede de baixa densidade), com

espontaneidade de sistemas de ações e atitudes, processos, situações, que não sendo ‘pré-pensadas’ geram protagonismos (densidade de interações), desenvolvem transferências e sensibilidades no quotidiano comunitário. Deste modo as redes projetam-se em modelos territoriais de situação, mais ou menos estruturadas, possibilitadores e promotores de encontros relacionais e vivenciais, entre as pessoas e comunidade, numa troca comunicativa (discursos), axiológica (valores) e afetivo-emocional, em que a educação está presente ao invadir todas as ações das pessoas, instituições e profissionais (Touraine, 2001).

Há uma necessidade das gerações terem mais situações de encontro, convivência, dinâmicas de ação, ativismo de pequenas tarefas, trocas de experiências, comunicação, etc. Assim, aprendem, recolhem e acolhem perceções, emoções e saberes, interagindo uns com os outros, captando sensibilidades que se convertem em vivências fundamentais de vida.

Remate final: Ideias a reter

Pelo exposto a pedagogia do encontro constitui uma atividade humana complexa, nas suas diversas dimensões, construindo um diálogo interativo entre os saberes ‘sobre’ e ‘para’ a comunidade, numa mobilização de ações promotoras de processos de consciencialização e interação entre atores e protagonistas educativos. Tudo isto fragua um modelo metodológico de intervenção de educação social, de aprendizagens não formais na formação do indivíduo. Deste modo, esta pedagogia comunitária, em termos de rede de baixa densidade de aprendizagens e convivências, assemelha-se a um ‘polvo’ (‘tentáculos’ são as áreas/temáticas), que integra a pedagogia social/educação social, a pedagogia do encontro, numa perspetiva social/educativa articulando-se com a cultura. Os desafios da pedagogia do encontro ‘na/para’ comunidade produz convivência e diálogo intergeracional e multicultural.

Ao integrar o encontro no marco das ‘pedagogias de baixa densidade’, cujo campo de intervenção do ‘saber pedagógico/educativo’ incide numa educação social, que tem a educação para os valores, solidariedade e convivência, como elementos cruciais. Ou seja, no campo comunitário e numa base educativa e social, o encontro e a convivência integra culturas, línguas e povos (‘pedagogias de baixa densidade’), colidindo com as áreas de ação da educação social ao nível da intervenção comunitária. De facto, a educação constitui um processo numa aceitação permanente do ‘outro (s)’ em convivência, já que o educar é formar para a cidadania, em que o cidadão na sociedade democrática e participativa está eticamente comprometido para enfrentar os problemas e necessidades prementes, partilhando o diálogo e utilizando a convivência (geracional) como propósito.

Bibliografía

- BAUMAN, Z. (2003). *Comunidad. En busca de seguridad en un mundo hostil*. Madrid: Siglo XXI
- BRUNER, J. (1997). *La educación, puerta de la cultura*. Madrid: Visor
- ENGUIITA, M. (2001). 'La educación intercultural en la sociedad multicultural'. *Organización y Gestión Educativa*, 6, p. 3-9
- GARCÍA, T. F. & MOLINA, J. G. (coord.s) (2005). *Multiculturalidad y Educación. Teorías, ámbitos, prácticas*. Madrid: Alianza Editorial
- JARES, X. R. (2006). *Pedagogía de la convivencia*. Barcelona: Grao
- MARGULIS, L. & SAGAN, D. (2005). *¿Qué es la vida?* Barcelona: Metatemas
- MATURANA, H. (1996). *El sentido de lo humano*. Santiago de Chile: Dolmen Ed.
- MATURANA, H. (1999). *Transformación en la convivencia*. Santiago de Chile: Dolmen Ed.
- MOLINA, J. & MARÍ Y TARTE, R. (coord.s) (2002). *Pedagogía social y mediación educativa*. Talavera de la Reina: APESCAM
- MOLINA, J. (2003). *Dar (la) palabra*. Barcelona: Gedisa
- MORIN, E. (2003). *El Método V. La Humanidad de la Humanidad*. Madrid: Cátedra
- PETRUS, A. (coord.). *Pedagogía Social*. Barcelona: Ariel.
- TOURAINÉ, A. (2001). *Igualdad y diversidad. Las nuevas tareas de la democracia*. Madrid: FCE
- VARELA, F. (2002). *El fenómeno de la vida (2.ª ed.)*. Santiago de Chile. Dolmen